



***Les rythmes au Moyen Âge.* Jean-Claude Schmitt.
Paris: Gallimard, 2016, 720 p., 122 ill. ISBN: 978-2-07-017769-1**

Adriana ZIERER¹

Jean-Claude Schmitt (1946-) é um dos mais destacados historiadores da atualidade. Foi diretor do *Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval* (GAHOM), (grupo criado por Jacques Le Goff, em 1978) entre 1992 e 2014, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). É atualmente presidente do Conselho Científico do Campus Condorcet. Além de produzir inúmeros livros, traduzidos para vários idiomas, é constantemente convidado para dar cursos e conferências fora do país.

É impossível falar de Schmitt sem mencionar seu mestre, seu grande influenciador, Jacques Le Goff (1924-2014), herdeiro das conquistas dos *Annales* e membro da chamada *Terceira Geração* deste grupo.² Desenvolveu pesquisas como a análise de narrativas curtas (sermões) – conhecidos como *exempla* – o Além medieval³, os mercadores e banqueiros na Idade Média. Além desses objetos, também investigou a Arte, entre outros assuntos.⁴

¹ Doutora em *História Medieval*. Estágio Pós-Doutoral na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* junto ao *Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval* (GAHOM), sob a supervisão de Jean-Claude Schmitt. Docente da Graduação e da Pós-Graduação em História (PPGHIST) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); professora da Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); coordenadora dos laboratórios de pesquisa *Brathair* – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos – e *Mnemosyne* – Laboratório de História Antiga e Medieval; diretora da *Mirabilia Journal* – e editora-chefe da *Brathair*. E-mail: adrianazierer@gmail.com.

² Sobre a *Escola dos Annales*, ver BURKE, Peter. *The French Historical Revolution: The Annales School 1929-1989* (ed. bras.: *A Escola dos Annales: a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1989).

³ Destaca-se neste campo seu livro mais importante, publicado em 1981: *Le Naissance du Purgatoire* (ed. bras.: *O Nascimento do Purgatório*. Petrópolis: Vozes, 2014).

⁴ Jacques Le Goff e Georges Duby, seguindo os estudos de Marc Bloch deram um grande impulso aos estudos medievais. Sobre a visão do próprio Le Goff de sua trajetória acadêmica, ver LE GOFF, Jacques. *Une Vie pour l'Histoire*. (ed. bras.: *Uma Vida para a História*. São Paulo: UNESP, 1997); a respeito de sua trajetória, FRANCO JR., Hilário. “Jacques Le Goff”. In: PARADA, Maurício (ed.).



Esses temas foram retomados por seus alunos e depois professores da *École des Hautes Études*, no GAHOM⁵, como o próprio Schmitt, Marie-Anne Polo, Jérôme Baschet, entre outros.

O Laboratório produziu um *banco de imagens*, utilizado nas pesquisas dos docentes e pesquisadores, e se dedica a catalogar outras. O método de trabalho é alimentar constantemente o sistema e antes da indexação, é realizada a análise em grupo de novas imagens, semanalmente, às terças-feiras, o que estimula o treino no olhar às fontes visuais.

O Laboratório contou nesse trabalho de catalogação com a importante atuação da bibliotecária Aline Debert (1954-2018) por um período superior a quarenta anos, tarefa que o GAHOM se propõe a continuar e lhe garante vitalidade, trabalho que contou sempre com a participação de Schmitt.

Este, juntamente com Baschet⁶, se aprofundou nos estudos sobre o papel da imagem visual na História Medieval. Schmitt escreveu livros sobre temas como os *gestos*, os *sonhos*, os *vivos e os mortos*, as *superstições*, as *imagens*, e, desta vez, nos brinda com um livro sobre os *ritmos*. No Brasil, este medievalista possui vários livros traduzidos, como: *Os Vivos e os Mortos no Ocidente Medieval*; *O Corpo das Imagens*; *O Corpo, os Ritos, os Sonhos, o Tempo*⁷. É coordenador, com Giovanni Levi, de a *História dos Jovens* e com Jacques Le Goff, do *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*.⁸

Os Historiadores Clássicos da História. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, v. 2. Após sua morte, vários estudos foram publicados. Destaco, na França, REVEL, Jacques; SCHMITT, Jean-Calude. *Une autre histoire: Jacques Le Goff (1924-2014)*. Paris: Hermes, 2016. No Brasil, duas edições da revista *Brathair, Homenagem a J. Le Goff*, publicadas em 2016 e organizadas por Adriana Zierer e Marcus Baccega, com artigos de membros do GAHOM e docentes internacionais. As edições estão disponíveis em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/index>.

⁵ Sobre o *Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval* (GAHOM), suas atividades e publicações, ver o [Site](#) do grupo.

⁶ Entre os trabalhos de Baschet em co-autoria com Schmitt, ver SCHMITT, Jean-Claude, BASCHET, Jérôme (dirs.). *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Léopard d'Or, 1996.

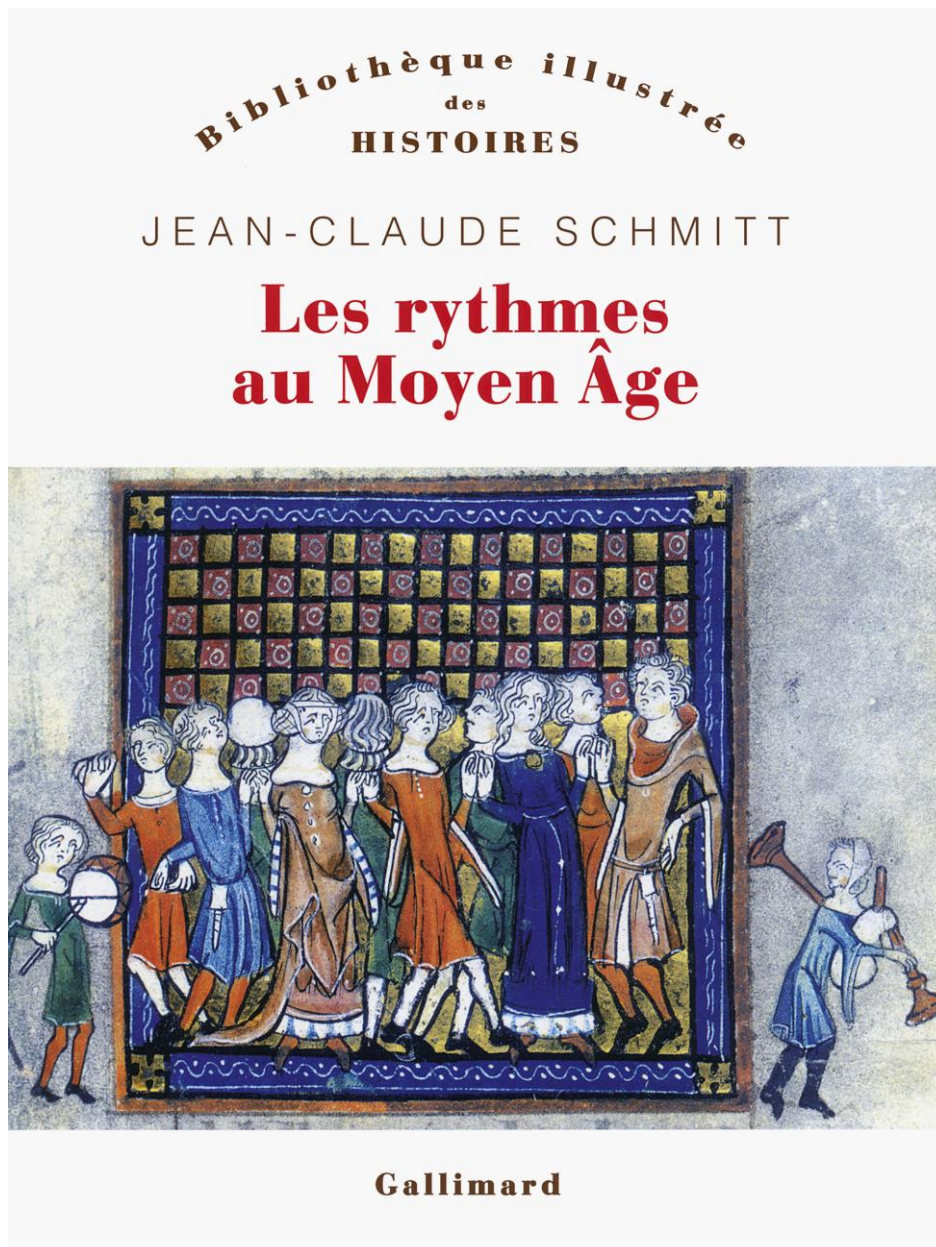
⁷ *Les Revenants. Les vivants et les morts dans la société médiévale* (ed. bras.: *Os Vivos e os Mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999); *Le Corps des Images* (ed. bras.: *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007); *Les Corps, les Rites, les Rêves, le Temps* (ed. bras.: *O Corpo, os Ritos os Sonhos, o Tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014).

⁸ *Historie des Jeunes em Occident* (ed. bras.: *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 2v; *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval* (ed. bras.: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo:

icm

ZIERER, Adriana, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 26* (2018/1)
Society and Culture in Portugal
Sociedade e Cultura em Portugal
Sociedad y Cultura en Portugal

Jan-Jun 2018/ISSN 1676-5818



Les rythmes au Moyen Âge (*Os Ritmos na Idade Média*) é um livro denso, fruto de vinte anos de pesquisa, que apresenta questionamentos na perspectiva da *história-problema*, cara aos fundadores dos *Annales*, Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1978-

EDUSC, 2002, 2v; edição recente: *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSP, 2017, 2v.).



1956).⁹ São 720 páginas com 122 ilustrações. Foi laureado com a premiação na França (em outubro de 2017) no *Grand prix des Rendez-vous de l'Histoire* (*Grande Prêmio dos Encontros da História*), prêmio concedido a obras de pesquisa relevantes.

É importante mencionar que esta obra, como destacado por Schmitt nos *agradecimentos* é fruto do trabalho conjunto desenvolvido no GAHOM, iniciado por Le Goff, continuado por Schmitt e que segue desenvolvido dessa forma até hoje, sob direção de Marie-Anne Polo.¹⁰ É um trabalho coletivo, conforme já mencionado (salientado por Schmitt na p. 691). O debate entre os membros enriquece a pesquisa individual do autor.

Durante os seminários (espécie de cursos temáticos) são discutidos repertórios de documentos sobre determinado assunto, composto por textos e imagens, apresentados e discutidos em conjunto pelo condutor do seminário, por seus alunos de Pós-Graduação, por outros professores/visitantes do grupo e pelos membros antigos do laboratório, docentes do GAHOM, os quais também acompanham o seminário (que possui duração de pelo menos um semestre), o que dá um grande dinamismo às pesquisas do seu elaborador, como é o caso deste livro.¹¹

As análises também são feitas *in loco*, com viagens do GAHOM realizadas pelo menos uma vez por ano, quando as imagens são “dissecadas” pelo grupo no próprio local onde se encontram.

Outro aspecto a ser salientado é que Jean-Claude Schmitt e Jacques Le Goff fazem seus livros serem estimados por um público muito variado. Dentre os aspectos motivadores dessa característica, almejada por todo pesquisador, destaca-se o fato de

⁹ Sobre a importância desses autores, cf. REIS, José Carlos. *Nouvelle Histoire e o Tempo Histórico. A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Annablume, 2008.

¹⁰ Marie-Anne Polo, atual diretora do GAHOM se dedica aos estudos dos *exempla* e tem várias obras publicadas. Atualmente o GAHOM foi fundido com outro laboratório, o GHAS, e as pesquisas também são desenvolvidas no ALHOMA (*Antropologie Historique du Long Moyen Age*). No Brasil, citamos sua produção em artigo de Polo com Jacques Berlioz, publicado na revista *Brathair*: POLO DE BEAULIEU, Marie-Anne; BERLIOZ, Jacques. “[Jacques Le Goff et les Récits Exemplaires Médiévaux: les jalons dun parcours/Jacques Le Goff e as narrativas exemplares medievais: as balizas de um percurso](#)”. In: *Brathair. Revista de Estudos Celtas e Germânicos. Edição Homenagem a Jacques Le Goff*, v. 2, org. por Adriana Zierer e Marcus Baccega. São Luís, (UEMA), v. 12, n. 2, 2016, p. 9-43 ([francês](#)) e p. 44-73 ([port.](#)).

¹¹ Le Goff menciona este trabalho coletivo do grupo, inclusive como fonte de inspiração para a escrita de sua obra mais famosa, *Le Naissance du Purgatoire*. Cf. *Une vie pour la Histoire*. (ed. bras.: *Uma Vida para a História*, *op. cit.*, p. 206-210).



que esses autores conseguem que seus trabalhos avancem muito além de investigações de História Medieval, pois eles ampliam a temporalidade dos estudos, os aspectos simbólicos a serem analisados e as possibilidades temáticas.

Schmitt, na esteira dos *Annales*, afirma que sua História é transdisciplinar, pois dialoga com a Antropologia e a Sociologia. Mais: sua análise, na perspectiva da *História Antropológica*, compara série de documentos escritos e de imagens e, ainda, ao abordar o ritmo, se volta para a música e a dança.

É tributário do fundador dos *Annales*, Marc Bloch, que, por ocasião das duas guerras mundiais (1914-1918 – 1939-1945) que participou e dos problemas que enfrentou, começou a se interrogar sobre o papel da guerra no passado e no presente, como afirmou na obra *Métier d'un Historien (Apologia da História)*.¹²

Jean-Claude Schmitt, igualmente, ao tomar como ponto de partida o ritmo na sociedade contemporânea, criou uma analogia com o ritmo da sociedade medieval. Assim, como Bloch, percorreu um caminho inverso – do presente ao passado (*história regressiva*)¹³, pois nós, historiadores, somos frutos de nosso tempo e investigamos na História as respostas para as dúvidas e os questionamentos do presente.

Em seu Prólogo, Schmitt afirma:

Não há historiadores senão os do tempo presente; a Idade Média que analiso é necessariamente *nossa* e *minha* Idade Média; as questões que coloco são *nossas* e *minhas* questões de hoje; e as respostas que busco dar como historiador, estudando os documentos do passado, se alimentam da distância e das diferenças entre esses tempos antigos e o presente (p. 19).

O docente do GAHOM menciona que o *ritmo* é um elemento de nossa sociedade, de forma ampla, complexo em suas nuances – ritmo escolar, cardíaco, industrial, etc. O ritmo é uma característica do mundo contemporâneo, ligado ao tempo, ao espaço e ao mundo globalizado, marcado pela presença da *Internet*. Este mundo, o nosso, é distinto do medieval, que Schmitt, na tradição dos *Annales*, salienta ser o período da

¹² BLOCH, Marc. *Apologie pour Histoire, Métier d' Historien*. (ed. bras.: *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001).

¹³ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, *op. cit.*, p. 67.

Longa Idade Média. Nesse aspecto teórico ele segue seu mentor Jacques Le Goff, para quem o período medieval ocorreu da *Antiguidade Tardia* aos séculos XVIII-XIX.¹⁴

No entanto, Schmitt salienta que no medievo a palavra *ritmo* tinha um sentido diferente do atual. O *rhythmus* era muito preciso, relacionado à música, à poesia e ao canto poético. Outras acepções se aproximariam mais de nossa noção de ritmo, como *numerus*, *mensura*, *ordo* e outras palavras de aplicação mais geral. No entanto, o *ritmo medieval* guardava uma concepção mais holística, em relação com o mundo da Criação Divina e em harmonia com esta.

Ao pensar na importância do ritmo, o autor escolheu um evento fundamental para a Civilização Ocidental, presente em todas as ideologias judaico-cristãs: os seis dias da Criação por Deus, que descansou no sétimo dia, acontecimento que gerou as *seis idades do mundo*, segundo Agostinho, do nascimento de Cristo ao Juízo Final.¹⁵

Seguindo fontes literárias medievais – como o *Decameron* de Boccaccio (1313-1375)¹⁶ – Schmitt divide seu livro em *Jornadas*, que no do autor italiano são dez e no seu sete (o que faz eco à Criação do mundo e o descanso de Deus). A *primeira jornada* é a da diferença entre o ritmo da contemporaneidade e o *rhythmus* medieval (baseado na fé e ligado à poesia, às imagens e à escrita). Chama-se *Des Rythmes Modernes au “Rythmus” Médiéval* e trata das *estruturas antropológicas do ritmo* e como a Idade Média articulou os ritmos da natureza com os do corpo.

O autor menciona que o ritmo não se confunde com o tempo e pode estar ligado ao espaço. Até as cores podem ter um ritmo! Sobre a contemporaneidade, o autor se inspira na concepção de Paul Klee (1879-1940), que faz com que as cores tenham um ritmo em determinadas imagens.

¹⁴ Ver LE GOFF, Jacques. *Un Long Moyen Âge* (ed. bras.: *Uma Longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 14-15); LE GOFF, Jacques. *Faut-il vraiment découper l'Histoire en tranches?* (ed. bras.: *A História Deve ser Dividida em Pedacos?* São Paulo: Ed. UNESP, 2015).

¹⁵ Para Agostinho, a *cronologia cristã* era dividida em: *infantia* (da criação de Adão e Eva ao dilúvio), *pueritia* (do dilúvio a Abraão), *juventus* (de Davi ao exílio da Babilônia), *aetas senior* (do Exílio ao nascimento de Cristo) e *senectus* (de Cristo ao fim dos tempos). A sétima e última idade se localizaria além do tempo terreno. Cf. SANTO AGOSTINHO. *Cidade de Deus contra os Pagãos*. Petrópolis: Vozes, 1990, v. II, cap. XXX, p. 588.

¹⁶ Uma versão disponível *online* da obra em português é: BOCCACCIO, Giovanni. [Decameron](#). Edição Lê Livros.



A cada *jornada*, Schmitt termina com uma conclusão parcial. Também se refere a uma frase de Elias Canetti (1905-1994), em *Massa e Poder* (de 1960): “o ritmo original é o ritmo dos pés” (p. 45), tema que desenvolve na *segunda jornada*.

Esta é a do *ritmo do corpo e do mundo*, o *microcosmos* e o *macrocosmos*. Daí a importância dos pés, das mãos e da voz na concepção do mundo e do corpo. Neste belo capítulo, os ritmos são relacionados aos pés, aos gestos e à dança. Particularmente interessantes são suas análises da dança, em especial do *ritmo no Paraíso*, no qual, ao dar como exemplo a pintura *O Juízo Final* (c. 1425), de Fra Angélico (1395-1455), mostra os eleitos harmoniosamente dispostos em círculo, numa dança, tomados pelas mãos por anjos para ingressarem no Paraíso.

A *terceira jornada* é a do tempo, intitulada *Les Rythmes du Temps: scander l'année, sonner les heures*. É o badalar dos sinos, as horas canônicas dos mosteiros, o calendário, os ciclos anuais, o Sol, a Lua e as marés.

A *quarta jornada*, *Rythmes d'Espace: lieux et parcours* relaciona o *ritmo do imaginário* ao espaço, ao deslocamento na liturgia, na peregrinação, na viagem. Além disso, o autor trata dos deslocamentos dos reis¹⁷ e das viagens imaginárias.

A *quinta jornada* é a do *ritmo narrativo*, ritmo histórico das seis idades do mundo e a relação da Criação com as imagens. Intitula-se *Les Rythmes Narratifs: histoire et memoire*. Trata das seis idades do mundo, mencionadas por Santo Agostinho (354-430)¹⁸ (p. 480-482), as crônicas universais. Schmitt menciona o ato de *broder les rythmes* (bordar os ritmos). Um exemplo analisado é *A Tapeçaria de Bayeux*, forma de *narrativa em imagens* sobre a conquista da atual Inglaterra por Guilherme da Normandia (c. 1028-1087), na Batalha de Hastings (1066), bordado composto no século XI.

A *sexta jornada* é particularmente interessante. *Changement de Rythmes (Mudanças de Ritmo)* (p. 553) é dividida em três partes (*inovação, individuação e arritmia*). Aqui percebemos mais um elemento que o relaciona aos pressupostos teórico-

¹⁷ Tema também tratado por Schmitt em sua conferência realizada em São Luís no *IV Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão*, realizada em 2011 e publicada em capítulo de livro: SCHMITT, Jean-Claude. “A Primeira Viagem de Estado na História Europeia: o imperador Carlos VI da Boêmia em Paris, janeiro de 1378”. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia. *História Antiga e Medieval. Viagens e Viajantes: Cultura, Imaginário e Espacialidade*. São Luís: Ed. UEMA, 2012, v. 4, p. 11-33.

¹⁸ Ver nota 15.



metodológicos de Marc Bloch: o fato de o historiador procurar não somente as permanências no imaginário de uma sociedade, mas também suas mudanças.

Segundo Bloch, o tempo é um *continuum* e também uma *pépetua mudança*.¹⁹ Do mesmo modo, Schmitt detecta o aparecimento de um ritmo novo, como este suplanta o anterior e quando é criado um novo (p. 555). Por exemplo, no caso da criação do *Jubileu* pela Igreja Católica (1217), quando os fiéis, ao seguirem os passos de Cristo na Terra Santa, tinham o perdão de seus pecados. Posteriormente, em 1300 foi prometido o perdão a cada 100 anos para aqueles que realizassem a peregrinação à Roma, ao sepulcro de Pedro. Receberiam então uma *indulgência plenária* (p. 591-599). Outro elemento de mudança é o *afolhamento trienal*, que criou um novo ritmo na agricultura e aumentou a produtividade agrícola (p. 556).

A segunda mudança nesta *sexta jornada* é a *indivíduoação*, relacionada ao aniversário, ato de festejar o nascimento (p. 627-641), e à morte (ex: a *dança macabra*), e como isso é interiorizado. A terceira mudança seriam as *arritmias*, catástrofes como a *Peste Negra*, a *Grande Fome*, período de exceção que proporcionava interdições eclesiásticas (como a proibição de sacramentos e a interrupção do soar dos sinos nas igrejas).

Outro momento importante era o da greve pois, de acordo com Schmitt, os medievos realizaram paralisações, tais como os operários do século XIX, com o objetivo de melhorar suas condições materiais de vida (p. 664-669).

Por fim, um último assunto neste tema tão interessante das *arritmias*, na *sexta jornada*, é o *Do País da Cocanha à Abadia de Thélène*. A Cocanha e a referida abadia, mencionada por Rabelais em sua obra *Pantagruel*, são um verdadeiro mundo às avessas, de suspensão do tempo e de utopia social.²⁰

A sétima jornada – ou sétimo dia – é o *Epílogo* da obra, sua conclusão. O autor afirma que seu livro não oferece uma visão fechada ao objeto e que os ritmos são um tema em aberto:

Esta obra é necessariamente inacabada. Termina-a sem fechá-la. Não é uma *síntese*: não há síntese senão a de um assunto fechado, delimitado, e os ritmos são, ao contrário, um problema aberto, um movimento sem fim. Não faço aqui senão um exercício de

¹⁹ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, *op. cit.*, p. 55.

²⁰ Hilário Franco Jr. (1948-), pioneiro nos estudos sobre a Idade Média em nosso país, abordou o tema: FRANCO JR., Hilário. *Cocanha. A história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

microhistória, como já pude fazê-lo em outros trabalhos.²¹ A expressão que melhor caracteriza o percurso que proponho parece ser o da *história transversal*: entendo-a por momentos de uma muito longa duração histórica (entre o século IV e o século XVI). Procedo a cortes que *atravessam* e colocam em *relação* numerosos estratos da realidade social, cultural, ideológica, animados uns e os outros por ritmos diversos, que entram em consonância ou em contradição. Cada atividade humana, individual ou coletiva, possui seus ritmos próprios e todos esses ritmos produzem um extraordinário concerto, onde procuro, através de cortes transversais, fazer ouvir os instrumentos (p. 687) (grifos do autor).

Jean-Claude Schmitt vê seu livro como obra *inacabada*, com muitas possibilidades, por ser a temática dos ritmos um “problema aberto, um movimento sem fim”. Por isso, o autor reafirma-se como um historiador da *história-problema*, com um olhar particular, próprio, *microhistórico*, que faz recortes num tema vasto, como os ritmos, e compreende a sociedade medieval em contraponto com o mundo contemporâneo.

O autor procurou apresentar respostas a este tema através de sua analogia com a Criação do Mundo por Deus e as partes de seu livro, divididas em seis *jornadas*. E finaliza na sétima, o sétimo dia, quando Deus, após ter criado o mundo e o homem, descansou.

Lembro, inspirada na estrutura do livro de Schmitt, a Criação do Mundo em *Gênesis*:

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga. Deus disse: “Haja luz” e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia” e as “trevas” noite [...]: primeiro dia. /Deus disse: haja um firmamento [...] e Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia./ Deus disse: que as águas que estão sob o céu se reúnam em uma só massa e que apareça o continente. E assim fez [...] chamou o continente “terra” e à massa das águas “mares”. E Deus viu que isso era bom./Deus disse: que a terra verdeje [...] e assim se fez [...]: terceiro dia./Deus disse: que haja luzeiros no céu para separar o dia e a noite [...] o grande luzeiro para o dia e o pequeno luzeiro para a noite [...]: quarto dia. /Deus criou as grandes serpentes do mar e que ferverham na água e todos os seres vivos que rastejam [...] e as aves aladas [...]: quinto dia./Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo a sua espécie: animais domésticos, reptéis, feras [...] e assim se fez: [...] quinto dia (Gen 1, 1-25).

²¹ Cita suas obras neste campo em nota de rodapé: *Le Saint Lévrier. Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIIIè siècle*. Paris: Flammarion, 1979, 2ª éd. 2004; *La Conversion d'Hermann, le Juif*. Paris: Ed. du Seuil, 2003, 2ª éd. 2007 (livros ainda não traduzidos no Brasil). Um exemplo da *Micro-história* desenvolvida por Carlo Ginzburg e que inspirou os trabalhos de Schmitt, ver GINZBURG, Carlo. *Il Formaggio e i Vermis* (ed. bras.: *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996), a qual, com a figura do moleiro Menochio, de uma pequena aldeia, Ginzburg explica a sociedade italiana do século XVI.



Inicialmente Deus criou os elementos da natureza e os animais irracionais. Depois, no sexto dia, fez o melhor de Sua criação: o ser humano. Ainda segundo o *Antigo Testamento*: “Deus disse: façamos o homem à nossa imagem e semelhança/ Deus criou o homem à sua imagem. [...] homem e mulher ele os criou [...]: sexto dia” (Gen 1, 26-27).

Faço mais uma analogia com Marc Bloch: a História é o estudo do homem no tempo, a busca do passado para compreender o presente, tal como no livro *Os Ritmos da Idade Média*, que, mais que isso, utiliza ampla e generosamente as imagens para explicar a importância e a amplitude dos ritmos no passado e no presente. Por fim, ainda na narrativa do *Gênesis*, “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e descansou no sétimo dia, depois da obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação” (Gen 2, 1-3).

Tive, com o belo livro de Schmitt, uma analogia entre os ritmos e a criação divina. Com o sétimo dia, o autor de *Os Ritmos da Idade Média* realizou o fechamento, senão do tema, deste trabalho.

Uma resenha não pode senão apresentar linhas gerais de um livro. Não é capaz de mostrar a complexidade de um trabalho, pois é um convite à leitura, como faço, com essa marcante e já clássica obra de Jean-Claude Schmitt. Trata-se de um verdadeiro *concerto sobre os ritmos* que nos convida a participar, harmoniosamente, da composição sinfônica tecida ao longo de suas 720 páginas.

Merecemos uma tradução desta obra no Brasil, para sua ampla difusão. Aguardamos ansiosos uma edição em língua portuguesa. Certamente será um deleite para seus fiéis leitores, como eu.



Bibliografia citada

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1995.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Edição Lê Livros.
- BURKE, Peter. *The French Historical Revolution: The Annales School 1929-1989* (ed. bras.: *A Escola dos Annales: a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1989).
- FRANCO JR., Hilário. *Cocanha. A história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FRANCO JR., Hilário. “Jacques Le Goff”. In: PARADA, Maurício (ed.). *Os Historiadores Clássicos da História*. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio, 2014, v. 2, p. 117-135.
- GINZBURG, Carlo. *Il Formaggio e i Vermì* (ed. bras.: *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996).
- LE GOFF, Jacques. *Le Naissance du Purgatoire* (ed. bras.: *O Nascimento do Purgatório*. Petrópolis: Vozes, 2017).
- LE GOFF, Jacques. *Une Vie pour l'Histoire* (ed. bras.: *Uma Vida para a História*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997).
- LE GOFF, Jacques. *Un Long Moyen Âge* (ed. bras.: *Uma Longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008).
- LE GOFF, Jacques. *Faut-il vraiment découper l'Histoire en tranches?* (ed. bras.: *A História Deve ser Dividida em Pedacos?* São Paulo: Ed. UNESP, 2015).
- LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval* (eds. bras.: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, 2v; ed. recente: *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSP, 2017, 2v.).
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (coord). *Historie des Jeunes em Occident* (ed. bras.: *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 2v).
- POLO DE BEAULIEU, Marie-Anne; BERLIOZ, Jacques. «[Jacques Le Goff et les Récits Exemplaires Médiévaux: les jalons dun parcours](#)» (*Jacques Le Goff e as narrativas exemplares medievais: as balizas de um percurso, disponível em francês e em português*). In: *Brathair. Revista de Estudos Celtas e Germânicos. Edição Homenagem a Jacques Le Goff, v. 2, org. por Adriana Zierer e Marcus Baccega. São Luís, (UEMA), v. 12, n. 2, 2016, p. 9-43 (francês) e p. 44-73 (port.).*
- REIS, José Carlos. *Nouvelle Histoire e o Tempo Histórico. A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Annablume, 2008.
- SANTO AGOSTINHO. *Cidade de Deus contra os Pagãos*. Petrópolis: Vozes, 1990, 2 v.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Les Revenants* (ed. bras.: *Os Vivos e os Mortos no Ocidente Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999).
- SCHMITT, Jean-Claude. *Le Corps des Images* (ed. bras.: *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007).
- SCHMITT, Jean-Claude. *Les Corps, les Rites, les Rêves, le Temps* (ed. bras.: *O Corpo, os Ritos os Sonhos, o Tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014).
- SCHMITT, Jean-Claude, BASCHET, Jérôme (dirs.). *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Léopard d'Or, 1996.
- SCHMITT, Jean-Claude. “A Primeira Viagem de Estado na História Europeia: o imperador Carlos VI da Boêmia em Paris, janeiro de 1378”. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia. (orgs.).



ZIERER, Adriana, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 26 (2018/1)*
Society and Culture in Portugal
Sociedade e Cultura em Portugal
Sociedad y Cultura en Portugal

Jan-Jun 2018/ISSN 1676-5818

História Antiga e Medieval. Viagens e Viajantes: Cultura, Imaginário e Espacialidade. São Luís: Ed. UEMA, 2012, v. 4, p. 11-33.

SCHMITT, Jean-Claude. *Le Saint Lévrier. Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIII^e siècle.* Paris: Flammarion, 1979.

SCHMITT, Jean-Claude. *La Conversion d'Hermann, le Juif.* Paris: Ed. du Seuil, 2003.